

Governo deve tomar medidas para reduzir o custo de combustível no sector agrário e evitar o agravamento da crise alimentar

- A inflação de alimentos em Moçambique é uma das maiores na região. Com a subida dos preços de fertilizantes no mercado internacional e a evolução do preço do *crude oil*, a escassez de alimentos poderá continuar nos próximos meses



- O Governo deve implementar medidas urgentes para mitigar os choques externos nos agricultores e implementar mecanismos de registos simplificados para que os benefícios cheguem aos pequenos agricultores nas zonas rurais

Enquadramento

Segundo os mais recentes dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Moçambique país registou, relativamente ao igual período do ano anterior, um aumento de preços na ordem de 10,81% para o mês de Junho. Trata-se de uma subida acima da meta de 5% desenhada pelo Ministério da Economia e Finanças, colocando assim as taxas de inflação acima das previsões.

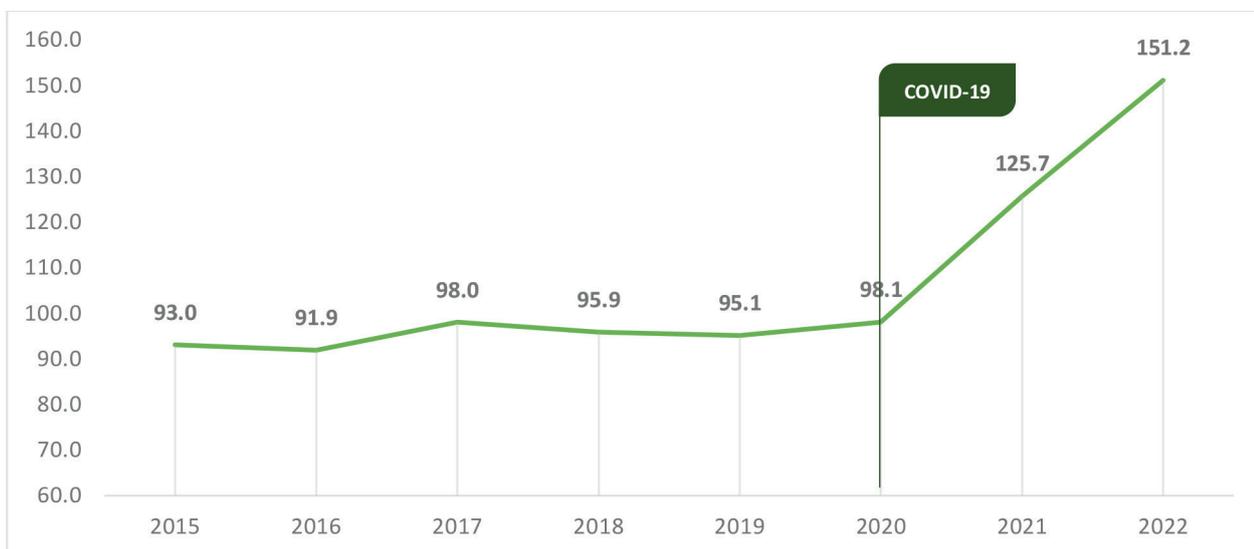
A inflação registada volta a colocar Moçambique no grupo das economias com inflação de dois dígitos, posição superada por um conjunto de políticas monetárias e fiscais restritivas implementadas no ano de 2017, quando os efeitos da crise da dívida fizeram-se sentir.

A composição dos preços divulgada pelo INE

é preocupante considerando que a categoria de produtos alimentares e bebidas não alcoólicas tem registado maior aceleração. Desde o início do ano de 2020, a inflação dos alimentos regista taxas acima dos 5%, tendo atingido os 16% no mês de Junho. Apesar da actual política monetária implementada pelo banco central ter contribuído para reduzir em certos momentos a pressão sobre os níveis de preço, o seu impacto no nível dos preços dos alimentos é limitada.

A eclosão da pandemia da COVID-19 gerou interrupções na cadeia de suprimentos que levaram a mudanças nos preços dos alimentos em todo o mundo. Conforme ilustra o gráfico 1, o índice dos preços de alimentos assumiu uma evolução ascendente desde o ano de 2020.

Gráfico 1: Evolução do Índice de Preço de Alimentos 2015 – 2022



Fonte: FAO (2022)

Para além do impacto da COVID-19, actualmente, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia também tem influenciado a subida dos preços dos alimentos no mercado internacional.

Tanto a Rússia como a Ucrânia são exportado-

res líquidos de produtos agrícolas e desempenham papéis de liderança no abastecimento dos mercados globais de alimentos. A Rússia destaca-se como o maior exportador global de trigo, com 18% de participação no mercado global,

enquanto a Ucrânia é o sexto maior exportador de trigo, com uma participação de mercado global de 10%¹. Para além do trigo, ambos países têm um papel crucial no mercado de outros produtos alimentares, como o milho, cevada, colza, e óleo de girassol. A enorme participação da Rússia e Ucrânia no mercado de alimentos também se reflecte no fornecimento de fertilizantes, onde a Rússia figura como maior exportador.

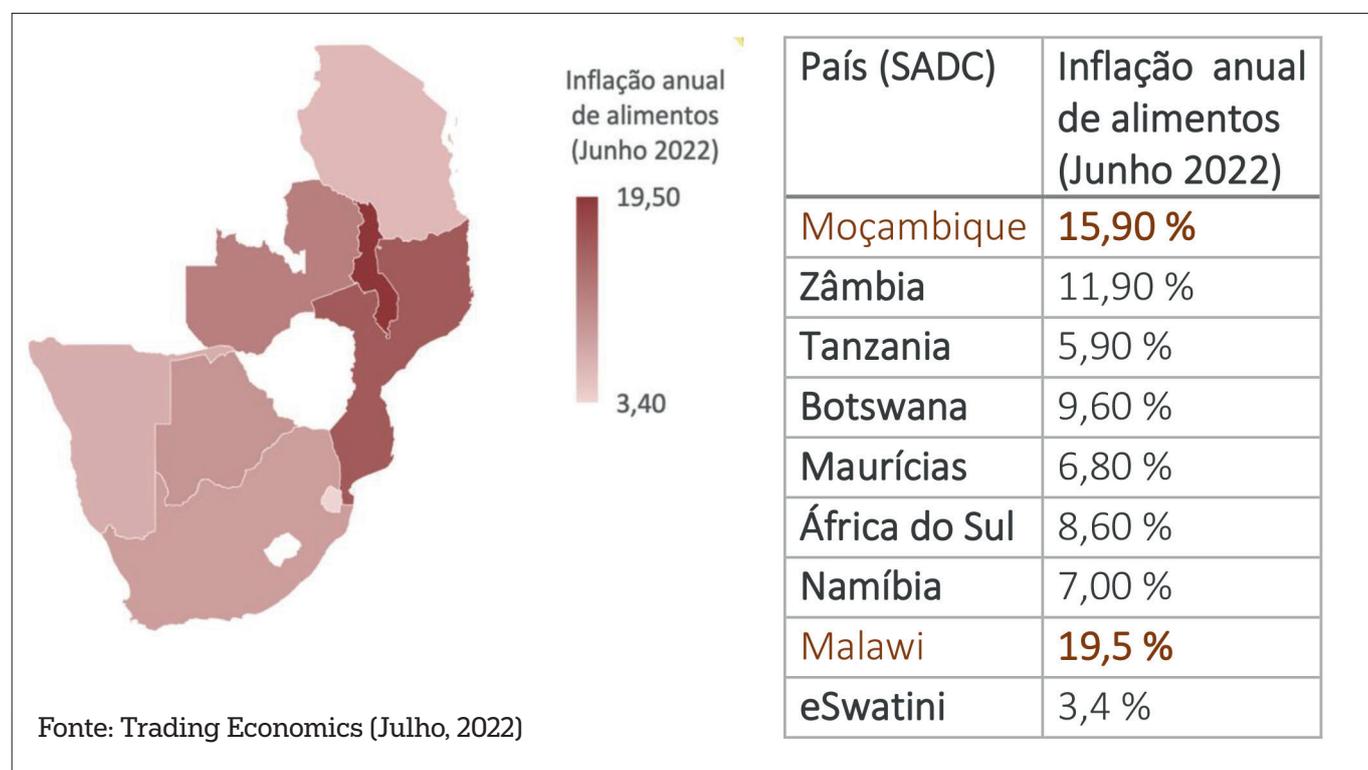
Com o conflito entre os dois países, os preços das *commodities* foram agravados, incluindo os preços do petróleo e do gás natural.

A Perspectiva dos Mercados de *Commodities* do Banco Mundial de Abril de 2022² apon-

ta que o impacto da guerra nos preços poderá permanecer até final de 2024, exacerbando a insegurança alimentar e a inflação. Na região da SADC, Moçambique é um dos países mais afectados pelos choques no sector agrário. Conforme apresentado no *gráfico 2*, o país registou no mês de Junho umas das taxas mais elevadas da região.

A posição de importador líquido de alimentos - com 1.2 mil milhões de dólares em importações e apenas 576 milhões de dólares em exportações (Statista 2019), torna o país altamente vulnerável aos choques dos preços de alimentos no mercado internacional.

Gráfico 2. Inflação anual de alimentos (Junho de 2022) SADC.



¹ <https://www.fao.org/3/nj164en/nj164en.pdf>

² <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/04/26/food-and-energy-price-shocks-from-ukraine-war>

Elevados preços dos combustíveis constituem o principal desafio dos pequenos agricultores comerciais no Vale do Zambeze



A actual evolução dos preços das *commodities* ameaça a sustentabilidade dos pequenos agricultores nacionais. Os pequenos agricultores que já enfrentavam dificuldades em utilizar fertilizantes poderão reduzir drasticamente o seu uso, afectando, conseqüentemente, a disponibilidade de produtos alimentares.

Mais preocupante é o impacto dos preços de combustíveis na actividade agrícola. Este ano, a Autoridade Reguladora de Energia (ARENE) já anunciou por três vezes o reajuste dos preços de combustíveis, cujos aumentos foram justificados pelo comportamento dos preços de *crude oil* no mercado internacional e a escassez na oferta de petróleo devido ao conflito na Ucrânia.

Ora, com os actuais mecanismos de fixação de preço de produtos petrolíferos – regulados pelo Decreto no 89/2019, de 18 Novembro, que aprova o Regulamento sobre os Produtos Petrolíferos e revoga o Decreto no 45/2012, de 28 de Dezembro – o preço de qualquer produto petrolífero é revisto mensalmente, sempre que se verifique uma variação do custo base (soma do preço base, sua correcção e outros custos de importação) superior a 3%, ou caso haja alteração do valor das imposições fiscais aplicáveis.

O actual cenário de repetidos aumentos dos preços de combustíveis é assustador para os pequenos agricultores que têm o combustível como um importante factor de produção. O

CDD, em parceria com a Oxfam e NANA, levou a cabo entrevistas aos pequenos agricultores comerciais do Vale do Zambeze (distritos de Alto Molócuè, Mocuba e Gurué) que revelam que os preços dos combustíveis constituem o principal desafio na produção.

Devido à falta de registo formal, os pequenos agricultores não podem beneficiar de qualquer benefício fiscal, por isso estão sujeitos aos elevados custos de combustíveis nas zonas rurais.

Eusébio Balança, um dos produtores entrevistados, trabalha numa área de 5,6 hectares. Ele explicou como os custos de combustíveis vão dificultar o acesso ao mercado. “Na minha cultura anterior registei perdas estimadas em 40% devido aos elevados custos de transporte. Não tive dinheiro para pagar o transporte para Nampula e vendi apenas 60% do que colhi. A restante produção estragou-se”.

Nampula é o destino para muitos pequenos agricultores do Vale do Zambeze que procuram ganhos consideráveis. Entretanto, Nampula está a aproximadamente 200 quilómetros do distrito do Alto-Molócuè e os custos dos transportes são elevados.

O impacto dos preços dos combustíveis também está presente no processo de produção. Lourenço Joaquim, pequeno agricultor entrevistado no distrito de Gurué, explicou o peso dos preços de combustíveis no processo de rega.



“Vou vender parte da minha cultura de cebola para conseguir dinheiro suficiente para comprar combustível e poder abastecer a minha motobomba. Sem isso, não conseguirei fazer a rega e corro o risco de perder toda a minha cultura”, disse Eusébio.

Para além da motobomba para a rega dos campos, os combustíveis são fundamentais para o abastecimento dos tractores e outros equipamentos utilizados pelos agricultores. Com esses desafios, muitos agricultores poderão registar prejuízos, gerando maior escassez de alimentos.

Governo deve aliviar o custo dos combustíveis nos pequenos agricultores e introduzir sistemas de formalização simplificada

A subida dos preços de alimentos tem a particularidade de afectar maioritariamente os grupos de menor renda, que gasta maior parte do seu rendimento com as despesas de alimentação. Ademais, estes aspectos colocam em causa os níveis de segurança alimentar, a pobreza extrema e os ganhos

de desenvolvimento até aqui conseguidos. Com efeito, o CDD defende que o Governo deve introduzir medidas para reduzir o impacto dos preços dos combustíveis no sector agrário, e reduzir a escalada da inflação de alimentos no país.

Apesar de existirem algumas medidas destinadas ao sector, a falta de um sistema local de formalização/certificação dos pequenos agricultores faz com que estes, que representam a maioria, não beneficiem de muitas medidas adoptadas. Por isso, recomenda-se a criação de registos simplificados junto à administração local que concedam o direito dos pequenos agricultores de gozarem dos benefícios fiscais.

O CDD entende que para o país reduzir a enorme exposição aos choques externos é necessário que os programas de investimentos ao sector assumam uma continuidade, reduzindo o desperdício de recursos. Só assim é que o sector agrário poderá avançar para a redução da enorme dependência alimentar.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Dimas Sinoa
Equipa Técnica: Emídio Beula, Dimas Sinoa, Américo Maluana
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

Twitter: CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

